

Para que não mudem só as moscas

Por que o Congresso Nacional tem sido tão decepcionante para a sociedade brasileira? Quais serão os vícios estruturais que impedem o bom funcionamento da representação parlamentar? Esqueça-se, por um momento, o fracasso da revisão constitucional — e a oportunidade aí perdida de se reorganizar o País para a modernização e o desenvolvimento. Esqueçam-se, também por enquanto, os fatos escandalosos que têm aviltado a imagem do Legislativo perante a opinião pública, como as múltiplas quebras de decoro (dentro e fora do plenário), as bandalheiras dos anões do Orçamento, os aumentos abusivos dos próprios ganhos, as fraudes nas votações ou a simples gazeta explícita. Considere-se, então, que a média de qualidade notoriamente baixa dos representantes do povo, no Congresso, decorre de práticas que se têm sedimentado entre nós ao longo do tempo, as



De nada adiantará renovar o Congresso, se os vícios perdurarem

quais nos habituamos a julgar normais, naturais, próprias do trabalho legislativo. Eis algumas (apenas algumas) delas:

■ *A despachância parlamentar* — Os parlamentares se colocam, perante suas “bases”, como intermediários na obtenção de favores ou serviços públicos, dos mais complexos aos mais simples. Das verbas federais para obras públicas, dos empregos em esta-

tais, subsídios especiais e empréstimos em instituições financeiras oficiais, à simples facilitação de papeladas — como para aposentadoria — e à obtenção de vagas (seja em hospitais, escolas ou cemitérios). É claro que essa *despachância* só existe graças ao mau funcionamento do serviço público, às complicações burocráticas que o Estado impõe aos cidadãos e à carência de empregos. E, no caso de obras regionais, à falta de critérios gerais de interesse da população, por parte dos governos.

Dessa maneira, a disfunção dos serviços públicos, as complicações legais e o desemprego são fenômenos geradores de votos, e assim sempre realimentados pelo clientelismo político-eleitoral. Não se diga que essa distorção é própria de alguma região do País, porque atinge todas com maior ou menor intensidade. E isso explica, em parte, o *ausentismo* dos parlamentares no Congresso. Pois se fosse apenas para prestar contas de seu trabalho legislativo ao eleitorado bastaria aos parlamentares utilizar todo o grande arsenal de franquias postais, gráficas, telefônicas, etc., colocados à sua disposição com o dinheiro do contribuinte.

■ *O emendalismo parlamentar* — Se chegasse à Câmara um projeto visando o fechamento do Congresso provavelmente receberia, antes de rechaçado, algumas centenas de emendas... Existe, na verdade, uma sofreguidão dos parlamentares em mostrar *serviço de autoria legislativa*, como se isso fosse a melhor prova de sua eficiência. Essa tendência é reforçada pela cumplicidade corporativa que leva à facilidade de subscrição de proposições alheias: parlamentares assinam, sem ler,

propostas de colegas, para obter reciprocidade em relação às próprias. Mas ninguém, nem nas comissões técnicas, muito menos no plenário, costuma ligar muito para o real interesse público das propostas alheias, ou para o desperdício de dinheiro do contribuinte que possam representar.

■ *O discursismo parlamentar* — Quem escuta a *Voz do Brasil* ou de alguma outra forma toma conhecimento do que falam os parlamentares na tribuna, diariamente, fica com uma sensação de extremo vazio e inutilidade. São palavras dirigidas tanto a micromúncipios quanto a potências mundiais sobre assuntos paroquiais ou universais, mas igualmente, sem nenhum efeito prático, a não ser “marcar posição” e ocupar espaço com objetivos eleitorais.

De nada adiantará o Congresso ser renovado em cerca de 70%, como indicam as pesquisas, se esses vícios crônicos perdurarem e se a nova composição do Legislativo se basear no mesmo fulcro realimentador do clientelismo, pois aí teremos, mais uma vez, apenas uma mudança de moscas — talvez até mais famintas.